



Pernambucana repete Tóquio-2020, fatura o terceiro ouro em Paris-2024 e amplia recorde de maior campeã paralímpica do Brasil

O sexto sentido de Carol

VICTOR PARRINI

Marcello Zambrana/CPB



Em 11 de março de 2021, Carolina Gomes Santiago falou ao **Correio** sobre a entrada “tardia” no esporte de alto rendimento, aos 33 anos. Compartilhou ter ouvido que estava velha. Pernambucana arreata, deu de ombros para as críticas. Ou melhor, nadou com autoridade contra elas. Na primeira participação em Paralimpíada, em Tóquio-2020, tornou-se a maior medalhista do país em uma edição ao faturar três ouros, uma prata e um bronze. Três anos depois, ofereceu um repeteco na edição de Paris-2024. Ontem, dominou a prova dos 100m livres S12 (para nadadores com deficiência visual), alcançou o terceiro título na França — também conquistou 100m costas S12 e 50m livres S13 — e ampliou a vantagem como a maior campeã do país no megaevento.

Carol abriu dos títulos paralímpicos em relação à vice-líder da lista, Ádria Santos, do atletismo. A mineira ostenta ouros nos 100m de Barcelona-1992, nos 100m e 200m de Sydney-2000 e nos 100m de Atenas-2004. “Estou muito, muito feliz, muito satisfeita. São muitas emoções. Está sendo uma competição muito intensa, maravilhosa e, gente, eu só tenho a agradecer”, comemorou Carol, após a prova na Arena Paris La Défense. A pernambucana de 39 anos puxou a fila da prova com a marca de 59s30 e deixou para trás a ucraniana Anna Stetsenko (1min00s39) e a japonesa Ayano Tsujiuchi (1min01s05).

A modalidade que hoje premia Carol Santiago foi, antes, uma ferramenta para superar

temores. Ela nasceu com síndrome de Morning Glory, alteração congênita na retina que reduz seu campo de visão. Praticou natação convencional até o fim de 2018, quando migrou para o esporte paralímpico.

“Meu irmão foi nadador e eu nadava porque era o único esporte que eu podia fazer que não tinha impacto, pois qualquer pancada que eu leve na cabeça posso perder um pouquinho de

visão que tenho. Tenho uma sensibilidade muito grande na retina. Sempre nadei até para manter o meu físico e era uma forma de eu me colocar à prova. Para mim, a natação sempre foi uma forma de superar os meus medos. Então sempre me mantive nadando, mas a excelência mesmo eu tive quando cheguei no Centro de Treinamento da Seleção Brasileira, em São Paulo”, compartilhou o **Correio**.

A quarta-feira teve comemoração em dose dupla para Carol em Paris. Além do ouro individual, subiu ao pódio com Mathews Rheine, Douglas Matera e Lucilene Sousa após a campanha de prata no revezamento 4x100m 49 pontos. A natação brasileira também comemorou as medalhas conquistadas pela mineira Patrícia Pereira, segunda nos 50m livres da classe SB3 (para nadadores com funcionalidade de

braços e mãos, mas sem controle de tronco e membros inferiores), e pela carioca Mariana Gesteira, bronze nos 100m livres da S9 (para atletas com restrições nas articulações em um dos membros inferiores ou nas articulações dos dois membros abaixo do joelho).

Das 57 medalhas conquistadas pelos brasileiros até o momento, 20 saíram da natação. A modalidade é a segunda que mais brindou o país com pódios

Quadro de Medalhas

País	Ouro	Prata	Bronze	Total
1. China	62	46	27	135
2. Grã-Bretanha	33	25	16	74
3. Estados Unidos	25	26	12	63
4. Holanda	16	7	5	28
5. França	15	17	18	50
6. Brasil	15	15	27	57
7. Ucrânia	13	18	21	52
8. Itália	13	10	23	46
9. Austrália	11	12	18	41
10. Espanha	7	8	17	32

em Jogos Paralímpicos. Antes de Paris-2024, 125 das 373 conquistas haviam saído das piscinas, atrás somente das 170 do atletismo.

Ontem, quatro das nove medalhas do dia vieram do atletismo. A paulista Verônica Hipólito faturou o bronze nos 100m da classe T36 (paralisados cerebrais). Nos 100m T53 (paralisia cerebral), o maranhense Bartolomeu Chaves competiu com dores, mas cruzou a linha de chegada em segundo. Mesmo resultado da amapaense Wanda Brito no arremesso de peso F32 (para competidores com transtornos de movimento de alto grau em todo o tronco e em ambos os braços e pernas). Nos 100m T53 (cadeira de rodas), o paraibano Ariosvaldo Fernandes cruzou a linha de chegada em terceiro.

No halterofilismo, Lara Lima celebrou bronze na categoria para atletas até 41kg. Foi o primeiro pódio de Lara em Jogos Paralímpicos. No último Mundial da modalidade, a mineira ficou em terceiro lugar na mesma disputa. Em junho, havia batido o próprio recorde com 107kg levantados na etapa da Geórgia da Copa do Mundo.

32ª EXPO abra BRASÍLIA 2024
O AGRO EM TEMPO DE INOVAÇÃO

DE 30/08 A 08/09
ENTRADA FRANCA
RODEIO E SHOWS GRATUITOS
(APRESENTAÇÃO DE 1KG DE ALIMENTO)

FREJAT • EDSON E HUDSON • MAIARA E MARAÍSA • THAEME E THIAGO

Parceiro de Mídia:



Apoio:



Realização:

